

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo
2022

moralidades
CONVERSAS
amoralidades
SOBRE
imoralidades
ÉTICA

6 nilton bonder



MÓDULO II

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

6 nilton bonder

ÉTICA E RELIGIÕES

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder à questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio
Magalhães

EQUIPE SESC
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão
Brésio

**MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:**
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
André Luiz dos Santos, Branca Jurema
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo
Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bonder, Nilton
Moralidades, amoralidades, imoralidades
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 6 /
Nilton Bonder. -- 1. ed. -- São Paulo, SP : Centro de
Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de
Pergunta Consultoria e Assessoria, 2022.
PDF.
ISBN 978-65-87592-10-7
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-123872

CDD-171.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

ESTRUTURA DO CICLO

MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,
CURADORIA

Fernando Rios
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA
Terezinha Azerêdo Rios

MÓDULO I TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS - DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?

*A ética começa quando
entra em cena o outro.*

UMBERTO ECO

Reflexão sobre a diversidade presente nas sociedades, no que diz respeito às construções morais, com o propósito de apresentar visões diferentes, não para confrontá-las, mas para apontar as contradições, os conflitos e as possibilidades de diálogo entre elas.

Toda ética digna deste nome parte da vida e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.

FERNANDO SAVATER

ENCONTRO 1 / 10.06.2021

Apresentação do módulo
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO
COMEÇOU NA GRÉCIA...?

As morais dos povos antigos, a moral dos orientais, a moral africana, a moral pré-socrática.

Convidado:
Renato Janine Ribeiro

ENCONTRO 2 / 17.06.2021

A MORAL É BRANCA? – TUDO
COMEÇOU SEM MELANINA...?

As morais negras, as morais indígenas...

Convidado:
Renato Nogueira

ENCONTRO 3 / 24.06.2021

A MORAL É MASCULINA? – TUDO
COMEÇOU COM ADÃO...?

As morais femininas, LGBT, queen...

Convidada:
Halina Macedo Leal

ENCONTRO 4 / 01.07.2021

A MORAL É BURGUESA? – TUDO
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,
defenderemos a ideia de que, no
campo da Ética, tudo começa – e
segue – com todos!

MÓDULO II.

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

VALTER HUGO MÃE

Articulação entre a ética e os
diversos campos do conhecimento
e do agir social, refletindo sobre
as suas fronteiras e as inúmeras
pontes que podem ser construídas
no sentido de ampliar os olhares e os
pontos de vista.

ENCONTRO 1 / 08.07.2021

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,
os métodos. As especificidades das
ciências: exatas, biológicas, humanas.
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

ENCONTRO 2 / 15.07.2021

ÉTICA E RELIGIÕES

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

ENCONTRO 3 / 22.07.2021

ÉTICA E ARTES

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

ENCONTRO 4 / 29.07.2021

ÉTICA E EDUCAÇÃO

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

ENCONTRO 5 / 05.08.2021

ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.

sabrina da paixão brésio

Introdução

Continuamos nosso ciclo “Moralidades, amoralidades, imoralidades: conversas sobre ética, segundo módulo”. Passo a palavra para Terezi-
nha Azerêdo Rios, que é a curadora deste encontro, para que ela apresente nosso convidado.



terezinha azerêdo rios

Há morais que tentam impor-se umas às outras.

DE QUE ÉTICA A GENTE ESTÁ FALANDO?

Muito obrigada, Sabrina. Muito boa noite para todos e todas. Mais uma vez, tenho a alegria de aqui estar, junto com vocês, para conversar um pouco sobre esse tema candente que nos trouxe desde o primeiro módulo: “Conversas sobre ética”. Falar sobre ética neste contexto em que a gente vive parece atender a um apelo à moda. Nunca se falou tanto em ética quanto atualmente. Falam de ética os que denunciam a corrupção. Falam de ética os corruptos. Falam de ética os que apontam as ações violentas. Enchem a boca para falar de ética aqueles que cometem as ações violentas. Então a pergunta que nos ocorre é:

– *De que ética a gente está falando?*

No primeiro módulo foi isso o norteador das nossas conversas. Fizemos a distinção entre ética e moral. Apontamos a ética como esse elemento de reflexão sobre os valores que norteiam nossas vidas nas sociedades. Agora, no segundo módu-

lo, vamos falar de uma interlocução da ética com vários aspectos de criação cultural dos seres humanos: ciências, artes, religiões, política, educação. No texto anterior, temos o professor Christian Dunker, que nos ajuda a pensar as relações entre ciências e ética. Aqui, temos o rabino Nilton Bonder, que gentilmente atendeu o nosso convite.

Então, estamos muito contentes de levar adiante a conversa com ele, trabalhando um pouco a questão: ética e religiões. Não sei se Branca Jurema Ponce está aqui. Branca, Renée Barata Zicman e eu trabalhamos por muito tempo no Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC São Paulo. Foi uma ocasião em que começamos juntas, trabalhando no ciclo básico daquela universidade. A nossa disciplina, se não era a mais importante, e a gente achava que era, tinha o nome mais sonante da universidade: Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo. Todos os alunos o apelidavam de

PFTHC. Ficou com esse nome de detergente.

Ali a gente brincava dizendo que era um departamento de teologia sui generis, porque tinha até teólogos. Havia pessoas de formação muito diversa. Nós três vínhamos da filosofia; havia aqueles que estavam nas ciências sociais; os que trabalhavam com letras e... teólogos. A gente pôde ter uma experiência muito boa. Quando nos apresentávamos aos alunos, aí é que eles constatavam que estavam na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Eles diziam:

– *Eu vim fazer psicologia, vim fazer engenharia e de repente topo com problemas filosóficos e teológicos.*

Pensavam eles:

– *Lá vem o catecismo.*

A gente podia, junto com eles, fazer uma experiência muito boa, que era a de explorar essa presença da religiosidade na vida das pessoas, na consciência... Pudemos ensinar e aprender coisas muito bonitas numa intensa convivência. Acho que Nilton Bonder vai poder nos trazer algo a respeito disso. Assim como tenho múltiplas moralidades, tenho religiões também. Falo no plural. Mas o que vai nos interessar é exatamente

esse sentido de religiosidade que está presente na nossa vida e tem tudo a ver com a ética.

Agradeço muito o Nilton. Temos uma expectativa muito boa de você estar aqui conosco. Nilton Bonder é rabino, escritor, membro da Academia Carioca de Letras, doutor em literatura pelo Jewish Theological Seminar, em Nova Iorque, rabino da Congregação Judaica do Brasil no Rio de Janeiro. Ele é fundador e diretor do Midrash Centro Cultural, também no Rio.

Tem cerca de 25 livros escritos e traduzidos em 18 idiomas. Três foram adaptados ao teatro. Um deles, *A alma imoral*, permaneceu por 14 anos ininterruptos em cena. Eu mesma já vi mais de uma vez *A alma imoral*, numa belíssima interpretação de Clarice Niskier. Depois, o Marcelo Madarasz vai nos contar quantas vezes ele já viu o espetáculo. É uma coisa muito linda, porque combinam-se a figura encantadora e mágica de Clarice com esse texto denso, profundo com que Nilton nos presenteia.

Nilton Bonder é também membro do Observatório de Direitos Humanos do Conselho Nacional de Justiça. São múltiplos os seus livros. E

já vou parar de falar para ele poder nos contar mais coisas e trazer algo para nos ajudar a pensar e refletir sobre essas relações entre ética e religiões. Obrigada, Nilton. A palavra é sua.



6

nilton
bonder



O humano dispõe de uma alma que é corajosa, ousada, que se assemelha à nudez dos profetas. É uma alma profética que nos habita, uma alma que diz coisas que, dentro dos padrões da moral, não seriam ditas, que apontam que o rei está nu, e que têm justamente a função de dizer que o rei está nu. A moral normalmente é a vestimenta do rei, é o antolho que impede a percepção dessa nudez.

[...]

Às vezes, tenho um pouco de problema em usar a palavra “religioso”, porque essa palavra muitas vezes se apresenta na dimensão de institucionalização, normatização, dogmatização de vários conceitos da espiritualidade, do entendimento do ser humano sobre si mesmo. Acho que espiritualidade é também uma maneira de se referir a essa capacidade crítica, a tal ponto de você se localizar no cosmos, de você se perceber no cosmos. Isso é a espiritualidade. Ela é também um elemento crítico.

nilton bonder

O difícil protagonismo de ser humano

Obrigado, Terezinha. Adorei que as expectativas são boas, não são grandes. É um vasto tema o que temos. Acho que as religiões são uma tentativa de o ser humano expressar a sua responsabilidade por potências, por grandezas que dispõe ou imagina que dispõe, e que nascem justamente da percepção crítica da consciência que o ser humano tem, que é relatada como mito principal no Gênesis, onde o humano aparece com faculdades semelhantes às do Criador.

Não há dúvida de que essa imagem e semelhança tenham a ver com essa capacidade crítica. O que é um Criador senão aquele que dispõe de meios de intervir, de produzir a realidade? Portanto, é um protagonista, não é um observador.

Esses filhos de Deus, aqui no sentido mitológico, são exatamente a capacitação de protagonismo que o ser humano tem. Um protagonismo que é difícil para o ser humano. Ele que, em boa parte, pertence à condição animal, uma condição

que tem uma presença através de impulsos, de desejos, de instintos encravados no nosso ser. Ao mesmo tempo, temos a capacidade crítica, que vai ter um valor enorme no pensamento que vamos tentar traçar aqui nesta conversa.

Vou dar um salto de Gênesis para um lugar matriz dessa concepção ética da religião — de todas as religiões de matriz bíblica —, que é o momento no Monte Sinai, um momento, para a tradição judaica, fundador da relação entre o ser humano e Deus. A primeira relação era uma relação de potências. Agora essa relação vai se manifestar claramente com uma lista. Normalmente, chamamos essa lista de “Os dez mandamentos”. Uma péssima tradução. No original hebraico, não são mandamentos, são as “Dez falas”. Vou tentar nortear minha visão sobre a questão “ética e religião”, a partir talvez desse equívoco. Normalmente, as crianças entendem a construção de valores e a construção ética associadas à au-

toridade, associadas a mandamentos, a algum tipo de força. Nada fácil afrontar movimentos naturais desse animal humano que existe em todos nós. Porém, nesse processo, há esse mesmo equívoco. Na verdade, o episódio do Monte Sinai é tratado como uma revelação. E qual é a grande revelação? A revelação de um Deus que não se sabia até então.

A condição de Criador é por demais hierárquica e autoritária, própria de um Criador e sua criatura. Agora, no entanto, estamos tratando de uma revelação onde, pela primeira vez, o ser humano vê explicitamente quem é o seu Deus.

Nessa revelação, apesar de a própria divindade dizer que não pode ser caracterizada por nenhuma forma, nenhuma representação imagética, imediatamente a divindade começa a delinear aquilo que ela quer, aquilo que espera, aquilo que deseja. Então, esses Dez Mandamentos, entre os que são afirmativos e os que são restritivos, os fazeres e os não fazeres, aparecem, pela primeira vez, os interesses ou necessidades desse Deus.

Esse é um momento fundamental para a relação da religião com a éti-

ca, porque há a descoberta de que o que caracteriza Deus são atributos éticos. Essa é a única representação que Deus revela de si mesmo.

Uma é que ele não tem corporeidade, não pode ser representado de nenhuma forma. A única representação de Deus são as coisas de que ele gosta e as coisas de que ele não gosta.... Desculpem pelo fato de usar o pronome “Ele”, Deus masculino, por força de expressão. Não é um masculino, não é um personagem. Já de cara vem dizendo que não o representem nem como homem, nem como idoso, nem de barba, nem de nenhuma outra forma. A única conexão que existe para o encontro com esse Deus é justamente essa dimensão ética, que é o conteúdo dessa revelação. Então, por que ela assume essa característica de dez mandamentos, quando na verdade ela é em natureza um grande assombro? Essa é a descrição, ao pé do Monte Sinal, daquele grupo e sua narrativa e sua construção no momento mítico e catártico no texto bíblico. É uma descrição de assombro. As pessoas estão assombradas pelo grau de intimidade dessa revelação. É como se tivessem a oportunidade

de conhecer as coisas mais íntimas desse personagem. E assim declara Ele que não possui nenhuma persona. De cara, essa é a primeira advertência.

– *Não tentem Me personalizar.*

No entanto, transparecem claramente os desejos e revelações de expectativas que de alguma forma apresentam, dão substância e intimidade a esse Deus.

Qual é a abordagem principal que eu gostaria de fazer com vocês?

Em toda a construção que o texto bíblico vai apresentar a partir desse momento, surge uma dimensão histórica da Criação. Há um novo momento de fundação da relação entre o ser humano e seu Criador que remete não mais ao lugar hierárquico — aquele que me criou —, mas Aquele que apresenta as características principais da sua substância e essência. Lembrando que somos imagem e semelhança justamente nessa condição diferenciada do ser humano, que dispõe de elementos críticos, de onde nasce o vínculo privilegiado com o Criador. O Criador é, por definição, crítico.

A ÉTICA REVELA O CRIADOR E A CRIATURA; E REVELA A CONDIÇÃO HUMANA.

Antes de olharmos o conteúdo desses desejos implícitos, do que ele quer e do que ele não quer, existe aqui claramente uma visão crítica do que é positivo, do que deve ser feito, e do que não deve ser feito. Esse é o elemento mais importante para a ética. Obviamente, estou fazendo aqui uma leitura.

Recebi a incumbência de fazer uma apresentação sobre ética e religiões, e não tenho nem condições de fazer isso no sentido mais amplo de responder por todas as religiões sequer do ocidente, quanto mais do oriente. Então, estou falando daquilo que minha condição de rabino me permite falar.

Ao mesmo tempo, sempre acredito que quanto mais particular for uma abordagem, maior sua amplitude universal... o pessoal atende a todos! Então, só para deixar claro, estou falando uma linguagem muito específica que, por razões óbvias, é a que vou poder oferecer, já que é a narrativa, é a linguagem de que disponho. Mas, obviamente, vamos ter a oportunidade de conversar e

fazer pontes com outras formas de narrativa. Espero que, no momento, essa reflexão atenda a todos nós. O que acho que é importante no pensar da questão ética? Vi que vocês já trouxeram a noção de separar a ética da moral... E é muito importante entender esse momento no Monte Sinai como a manifestação de um Deus que não é um Deus da moral. A moral atende a certos padrões, normas vigentes no coletivo. A ética não é prisioneira desses padrões. Na menção que foi feita ao texto de A alma imoral, uma das intenções de A alma imoral era justamente propor um rompimento com o conceito moral. Não é tanto a imoralidade no sentido negativo que a palavra tem para todos nós, mas simplesmente uma desconstrução da moral como parte do processo ético.

O humano dispõe de uma alma que é corajosa, ousada, que se assemelha à nudez dos profetas. É uma alma profética que nos habita, uma alma que diz coisas que, dentro dos padrões da moral, não seriam ditas, que apontam que o rei está nu, e que têm justamente a função de dizer que o rei está nu. A moral normalmente é a vestimenta do rei,

é o antolho que impede a percepção dessa nudez.

Aqui se inicia todo um processo. O texto bíblico é um texto que vai gerar essa relação, esse vínculo identitário com o Criador por meio da ética. A ética é reveladora não só do Criador, mas da criatura, desse mágico aspecto que cada um de nós carrega em sua condição humana — que em parte é uma potência, que em parte é uma responsabilidade — a de sermos críticos.

O ser humano não pode passar por uma situação e não ser crítico, sob o custo de não se perceber mais humano, não se perceber imagem e semelhança desses aspectos que estão sendo revelados a partir do Monte Sinai. O texto bíblico talvez seja o ápice dessa apresentação de uma série de desdobramentos da fala de Deus. E esses desdobramentos são sempre éticos.

A partir dali, todos os desdobramentos da revelação são desdobramentos de caráter ético, e temos no final do livro de Êxodo e Levíticos, os desdobramentos e detalhamentos sobre cada uma das falas dos Dez Mandamentos, incluindo a frase, que acho que ganha uma notoriedade diferenciada na nossa

civilização, que é o famoso “ame ao seu próximo como a si mesmo”. Essa frase representa todo o risco que a proposta ética da religião contempla. Frase essa que virou não só o epicentro do pensar ético do texto do Pentateuco, do Antigo Testamento, mas é também o grande slogan da moralidade.

Sabemos, por via de todo o tipo de desvio, seja de hipocrisia, seja de corrupção, seja de falsidade, que essa frase pode levar à sua má compreensão. Volto a salientar a conexão que existe entre a leitura equivocada das dez “falas”, tomadas por dez “mandamentos”, e essa frase, que aponta talvez para um desejo de igualdade, um desejo amoroso para com o próximo, mas que de forma alguma deveria ser entendida como um ato de bondade, ou seja, uma construção que acompanharia os padrões da moral e não da ética.

O SER HUMANO AMA CRITICAMENTE A VIDA

A ética, como eu disse, é um produto da crítica. O ser humano ético só alcança essa condição através dessa capacitação crítica. Quan-

do digo crítica, não estou falando mental, intelectual, unicamente. A crítica vem de todos os sentidos que pertencem ao ser humano. É a mente, sim, mas são também as emoções. Tudo o que diz respeito ao ser humano, que permite ao ser humano leituras da sua realidade, compreensão da sua realidade, é parte do equipamento crítico que o ser humano tem. Então, qual é o problema da nossa frase, que é uma frase tão bonita? O problema é que, se ela estiver propondo que eu ame, como padrão, algum outro como a mim mesmo, não vou fazer isso, porque é uma proposta não-crítica. Vamos parar para pensar um pouquinho. De onde vem o amor que todos temos, a fonte maior do amor para todos nós? Essa fonte vem da vida, do amor que temos pela vida. O amor pela vida é um dado — todo ser humano ama a sua vida. Os animais também amam, mas o ser humano ama criticamente a sua vida. A gente ama tanto que a gente fica ansioso com o fato de descobrirmos que ela é temporária, pelo menos nesta temporada, que tem um número xis de capítulos. O ser humano aprende o amor na sua relação

com a vida. Essa é a fonte do amor de todas as pessoas.

Como vou amar o próximo como a mim mesmo? É por isso que estou tentando fazer essa distinção, que não é simples, de não abandonar em momento nenhum a condição crítica, a potência crítica do ser humano de perceber que esse é um caminho que lhe atende muito mais do que a bondade, a construção de algum tipo que está sob a supervisão de um terceiro.

A ética depreende do próprio indivíduo, não é aquilo que é exercido por lei, por algum gestor que a aplica. Essa é a condição de uma criança que, quando vem ao mundo, se assemelha em muitos sentidos ao mundo animal, e tem que ser educada com uma educação complexa, onde ela não abandone características desse mundo animal, que são fundamentais, ao mesmo tempo que ela aprende a ser gente. Não é simples aprender a ser gente. Você tem que fazer essa criança utilizar a sua capacidade crítica. O problema da nossa frase — “ame ao próximo como a si mesmo” — é que normalmente ela evoca a ideia de igualdade, de você ser justo, e o que se aplica a você se aplica ao outro.

Mas de onde você vai tirar isso? Você só pode aplicar isso se chegar a esse lugar eticamente. O que quer dizer isso? Você vai ter que usar dessa energia de amar a sua vida criticamente para entender que o outro é alguém que ama a sua vida criticamente também. Essa aproximação é uma aproximação por empatia, mas ela não abandona em nenhum momento o vínculo com a ética. Ela tem que nascer de novo não de uma moral.

Vou tentar dar um exemplo simples. Uma criança brincando em uma pracinha. Ela está com um brinquedo. Uma outra criança que está na praça quer aquele brinquedo para brincar. O pai ou a mãe que estão ali juntos estão vendo essa cena. Os pais se aproximam com a intenção clara de produzir um efeito ético, um ensinamento. Assim como a águia ensina seus filhotes, a girafa os seus, lá vem o ser humano ensinar o seu filhote a voar — literalmente. No primeiro momento, é comum os pais chegarem e dizerem para o filho:

– Filhinho, compartilhe o seu brinquedo.

Eles estão ali na fronteira de evocar um sentido ético para aquela crian-

ça. Mas é muito comum os pais destruírem esse momento ao dizer aos seus filhos:

– *Querido, empreste o brinquedo para o seu amigo; vai que um dia ele esteja brincando com outro brinquedo que você quer, e você pode querer brincar com o brinquedo dele.*

Ao fazer essa conexão, saímos totalmente do espaço ético. Os pais estão ensinando aos filhos uma relação mercantil de interesses, que é muito comum no ethos capitalista, no qual todos nós estamos ingressos, que é esse ethos de que eu sou cidadão porque me interessa ser cidadão, onde a gente está sempre pensando:

– *O que eu posso tirar disso?*

É por isso que a gente se comporta supostamente de maneira civilizada, por conta desses interesses. Isso não é de forma alguma uma relação ética.

O que deveria fazer um pai ou uma mãe nessa condição? Deveria tentar evocar justamente a percepção crítica no seu filho, uma compaixão com o mesmo amor que ele sente naquele momento por aquele brinquedo, por aquela experiência, e produzir a percepção de que o outro tem a mesma experiên-

cia, produzir nele realmente uma compaixão. O ser contempla essa possibilidade por via crítica, não porque um é mais bonzinho do que o outro, não porque alguém teve uma educação religiosa que apresentou certas normas de conduta, mas porque a pessoa desperta para essa potência, essa capacitação que o ser humano tem de perceber e de revelar a si mesmo, como o Criador revelou, aquilo que a gente acha que deve ser feito e aquilo que a gente acha que “não” deve ser feito. Razão pela qual, mil anos depois, o sábio Hilel tenta aproximar essa frase, essa ideia de amar a seu próximo como a si mesmo através da frase “não faça ao outro o que não gostaria que fizessem a você”, que é de novo uma evocação não mercantil — não é eu vou fazer ao outro para que o outro não faça a mim —, mas é um desejo de evocação amorosa em relação às coisas que nos são fundamentais, com as quais a gente tem um vínculo amoroso, e que está sendo aqui convocada ou motivada a aparecer como algo que nasce do próprio ser humano.

Essa diferença entre uma voz que vem hierarquicamente de uma au-

toridade que produz moral e uma voz que nasce do âmago da relação que temos com a vida — onde a nossa crítica perceptiva da nossa existência, da nossa vida, dos sentidos e propósitos da nossa vida — ilumina uma conduta que, se você tem essa linguagem, acompanha os atributos do próprio Criador.

Acho que essa é a grande questão que vai estar presente no verdadeiro desejo religioso. Às vezes, tenho um pouco de problema em usar a palavra “religioso”, porque essa palavra muitas vezes se apresenta na dimensão de institucionalização, normatização, dogmatização de vários conceitos da espiritualidade, do entendimento do ser humano sobre si mesmo. Eu acho que a espiritualidade é também uma maneira de se referir a essa capacidade crítica, a tal ponto de você se localizar no cosmos, de você se perceber no cosmos. Isso é a espiritualidade. Ela é também um elemento crítico.

**NA TRADIÇÃO JUDAICA,
NUNCA SE PERGUNTA SE
VOCÊ ACREDITA EM DEUS.**

Estou usando aqui a figura de Deus. Também estou aqui legiti-

mado pelo fato de que estou falando de religião e ética. Para aqueles que não são adeptos da consideração de um Deus, é muito importante entender a função de Deus... Eu acho que é muito interessante que, quando o próprio Criador se despersonaliza, ele abre a oportunidade a todos de que a relação com Deus não venha por crença.

Na tradição judaica, a gente nunca pergunta se você acredita em Deus. Isso é um dado para a tradição judaica; não como uma forma orgulhosa de apresentar a sua visão, mas simplesmente porque ninguém deve acreditar em Deus. Ou você consegue encontrar Deus por via crítica ou não precisa acreditar. Acreditar é muito pouco.

Você acredita em alguma coisa que não possa ser encontrada, que não possa ser reconhecida, e não é assim que Deus se apresenta. Deus se apresenta, apesar de não ter forma, como sendo reconhecível. Ele pode ser sabido, conhecido. Ele não precisa do recurso da crença. O grande desafio talvez para a questão de Deus é que ninguém deve acreditar em Deus. Todo mundo deve tentar conhecer ou encontrar Deus, porque é quase uma desfeita a alguma

coisa que ela precise ser acreditada, como se não tivesse nada manifesto que você pudesse perceber.

Não é o caso de Deus. Esse é o Deus revelado, que diz:

– *Não roube, não mate, não adúltere, não cobice.*

Quando El@ está fazendo isso, El@ está convocando o ser humano a encontrá-l@, não nas ideias, mas encontrá-l@ em substância... um verdadeiro encontro.

Acho que essa é basicamente a proposta e a conexão entre ética e religião. Ela nasce da natureza do ser humano. Qualquer coisa que não venha da natureza do ser humano não é ética, é uma moral. E não precisa acreditar que esse é o caminho para ser bom. Isso é uma crença que normalmente leva todos à hipocrisia, à corrupção, a falsidades, com o não cumprimento. Mas, quando é de ordem crítica, quando vem de você, produz um autoconhecimento radical. Vamos começar a entrar agora na fala dos profetas.

A SIMILARIDADE DA CRIATURA COM O CRIADOR

Os profetas são personagens éticos, profundamente éticos por uma

forma específica, porque imitam a consciência humana, imitam os sons das profundezas da consciência humana. Por isso eles têm voz de pesadelo. A voz de pesadelo é justamente a voz da cobrança ética que você tem, que estava ali desperta durante os seus procedimentos diurnos e que à noite, como um profeta, sobe em um banquinho e descasca em cima de você a sua falsidade, o seu distanciamento da capacitação ética e a sensação de afastamento da sua própria humanidade, que é a sensação de que vai ser retirada de você alguma coisa fundamental. Todo esse de imaginário, que é tanto do pesadelo quanto do inferno, emana de resíduos de uma consciência ética que não foi vivenciada ou não pode ser manifestada.

A figura dos profetas é muito interessante, porque ela é a cobrança, verbalizada, quando ela se diz a voz de Deus. Repare que o profeta tem alguns elementos bem interessantes. O profeta vem falar a voz de Deus. Se você é uma criança do ponto de vista da sua humanidade, se você é infantil na sua humanidade, vai sentir que está levando uma bronca desse profeta.

Mas, se você tiver a compreensão daquela revelação do Monte Sinal, de um Deus cujas características reconhecíveis ao ser humano são de natureza ética, o profeta falar as palavras de Deus é poeticamente falar sobre a sua própria conexão crítica, que desperta mesmo em meio à sua ignorância, sua cegueira, sua dormência em relação às características éticas que habitam, como potencial, em sua pessoa. O profeta sempre vem dizer que você tem outra escolha, vem construir essa responsabilização ética. Ele é incômodo, é profundamente incômodo, porque vai estar sempre propondo isso, que é, para usar um termo familiar, muito imoral. Ele propõe que não existem compromissos nacionalistas, de etnicidade, raciais, identitários, que todos esses compromissos se dissolvem à luz dessa percepção crítica, ética, do ser humano.

Por que é imoral? Porque é capaz de dissolver qualquer moralidade da narrativa que você usa, da sua tribo, da sua religião. O profeta fala contra o ritual, fala contra as formas que, com o passar do tempo, acabam sendo mais formas morais do que éticas. Ele é o guardião fun-

damental dessa percepção de que a ética nasce por natureza crítica e não por um valor cultural, um padrão social. Essa é fala do profeta o tempo todo. Ele está ali tentando evocar a capacitação ética do ser humano. De onde vem essa definição de que o ser humano é ético? Do fato que ele é imagem e semelhança de uma divindade, produto de alguma coisa que se apresenta como ética. Essa construção, para o ocidente, tem um impacto muito importante. O profeta, como eu dizia, não só canaliza a voz de Deus poeticamente para despertar o ser ético que existe em você, como ele, por ser profeta está apontando uma predição... veja que curioso.

O que é um profeta? Alguém que vê mais longe, alguém que seria capaz de prever o futuro. Muitas vezes a fala do profeta tem essas duas características: voz de Deus — no sentido crítico, ético — dentro de você, mas ela estabelece uma conexão incrível da responsabilidade ética. Se você não estabelecer essa relação crítica, você determina o futuro. O que ele está conectando é justamente isso. O que é a capacidade crítica? Enquanto o futuro de tudo o que não tem capacitação

crítica é um dado, é simplesmente uma consequência de várias situações em cadeia, o ser humano, por ter essa dimensão crítica, determina o futuro, é partícipe dessa construção de destino juntamente com o elemento Criador, que é ético, crítico, portanto, tem natureza. É um personagem importante.

RELIGIÕES SÃO “CASES” ENTRE CONSTRUÇÃO DE MORAL E CONSTRUÇÃO DE ÉTICA

A gente vê aqui primeiro um DNA da ética que nasce dessa similaridade da criatura com o Criador. Não é pouca coisa um Criador dotar sua criatura de qualidades do próprio Criador. Esse é um ato amoroso que provavelmente tem uma relação profunda com o nosso amor à vida. Aqui não estou falando só da sobrevivência, mas da capacidade humana de amar a vida pelo seu senso crítico. Primeiro recebemos esse DNA da ética no ser humano no livro de Gênesis. Depois você tem uma revelação que é uma porta de encontro entre o ser humano e Deus por meio crítico. Se for crítico, é ético. Se for crítico, vai dizer que isso sim e isso não, vai ter

que ter razões críticas para estabelecer... Diferente da moral, capaz de interditar alguma coisa por interesse, a crítica é sempre imoral, está pronta para chutar o pau da barraca de seus interesses, como a gente diz aqui, porque o seu compromisso é com a essência ética e não com narrativas nacionalistas, grupais, partidárias, e assim por diante. Depois o profeta desaparece.

Temos aqui uma evolução, supondo um ser humano que vai saindo da sua infância, por via dessa descoberta de que sua natureza tem essa característica, de que o encontro com esse Deus mãe, Deus pai, ainda no lugar de modelo, ainda na adolescência dessa espiritualidade ética do ser humano. Depois, um profeta, que é quase no início, quando você está dando os primeiros passos da sua independência, já não mais como adolescente, mas como um iniciante adulto... o profeta é essa figura ainda de dependência que você tem para cutucá-lo no ombro e dizer:

– *O que você está fazendo?*

Escute essa voz que vem de dentro e olhe como ela determina seu destino. Por último, o profeta desaparece, supondo que você vai ter,

nessa maturidade espiritual, já não mais dependências de uma criança, de um adolescente, de um jovem inexperiente, mas a maturidade de que você vai exercer isso sem a necessidade de uma autoridade externa. Há uma autoridade interna, uma propensão crítica a tentar se corrigir, se aperfeiçoar. Ao não fazer isso, você se descola da sua função humana, o que é uma tragédia, literalmente uma desgraça, uma perda da graça de viver.

Você lembra que a gente começou tudo isso com o amor de viver? O desgraçado é aquele que perde o amor por essa raiz da existência, que é o amor pela vida, que é a essência de todas as possibilidades éticas para o ser humano. Esse é o grande esforço que todo ser humano maduro tem que fazer, o reencontro com esse propósito humano. O propósito vem da capacitação humana. O propósito é a conexão não só com o Deus simbólico, mas com o Criador. Qualquer coisa que seja potencial é um umbigo, uma revelação profunda com aquilo que o criou e de como o criou.

A RELIGIÃO VAI CRIAR OS SLOGANS QUE VALEM PARA A ÉTICA

O fato de que você tem características ou potencialidades específicas é o cordão umbilical com aquilo que o criou, para colocar em linguagem menos religiosa, dogmática. Acho que esse é o elemento que eu gostaria de trazer como característica. Toda briga da religião é a má leitura. As instituições religiosas são um case, tendo cada uma a sua história, as suas características. Elas são cases entre a construção de moral e a construção de ética. Em qualquer história da religião que você for ver, você vai ver os deslizes da moral, com suas hipocrisias, com suas corrupções, com suas violências, com suas falsidades, e a tentativa de chamamento de elementos dessas religiões para o retorno a essa visão crítica, que recoloca o ser humano em conexão com o seu Criador. Isso é o *religere*.

Pare de usar o apetrecho crítico que você ganhou para produzir moral! Lembrando que a moral tenta avançar seus interesses. É isso o que faz uma moral. Ela avança interesses específicos. Pare de usar o seu aparato para produzir esses

cenários morais onde você avança seus privilégios, seus interesses, e use esse aparato para se religar com a dimensão crítica e ética, que é o encontro com seu Criador, que é o encontro com as potências que você contém e pelas quais você ficou responsabilizado. Ter uma potência e não a usar é não viver, é não exercer a sua integridade. Isso é um grande dilema do ponto de vista da religião. A religião vai criar os slogans que valem para a ética. Eles serão maravilhosos para a concepção ética — ame ao seu próximo como a si mesmo —, mas são os mesmos slogans que são maravilhosos para as morais de benesses, de falas, que têm uso para todo o vazio dessa responsabilização radical que um ser humano pode ter. Quando o ser humano tem uma responsabilização radical consigo mesmo, ele descobre, por via ética, que isso implica o outro, que não consegue exercer essa ética só consigo. Então, descobre que esse outro, que ele deve amar como a si mesmo, não é um personagem de narrativas morais, é uma realização ética da sua essência. Aí, sim, pode-se produzir esse tipo de amor nascido do amor a viver,

que é talvez também uma conexão muito grande de encontro com seu Criador, seja lá o que você imagine que é o seu Criador. Acho que vai ser mais interessante se a gente, em vez de eu ficar trazendo muito mais conceitos, trabalhar esses conceitos. É bem essencial essa diferenciação. Ela posiciona de maneira muito genérica a grande batalha de todas as religiões. É uma batalha do indivíduo com sua espiritualidade e é uma batalha das religiões com seu coletivo. Os rabinos tinham umas coisas muito interessantes. Quando olhavam a frase “ame ao próximo como a si mesmo”, diziam:

– *Isso não vai funcionar.*

Uma proposta moral em que você vai tentar dar um salto e dizer assim:

– *Eu consigo fazer isso e todo mundo vai aplaudir e reconhecer como ato nobre.*

Se você tenta fazer esse caminho, isso não vai funcionar. Eles diziam:

– *Como você fomenta a ética?*

Por exemplo, diziam:

– *Você quer amar o outro como a si mesmo?*

Lembre-se de como você ama a si mesmo. Não tente amar o outro. Tente por via crítica, não por via

egoísta. A via egoísta não é crítica. A via egoísta acompanha interesses não críticos.

Eu consigo perdoar coisas em mim que condeno no outro. Quando vejo os outros fazendo, reclamo. Quantas vezes já denunciei o outro por coisas que, quando eu faço, tenho uma capacidade de perdão muito mais ampla, porque me amo. Como me amo profundamente, eu me perdoo. Essa é a fonte da possibilidade de perdoar o outro. Não tem nenhum caminho por racionalização: tenho que ser uma pessoa boa; é importante perdoar. Qualquer construção dessas, por via moral, vai ter efeitos colaterais. É como eu dizia daquela criancinha na praça pública:

– *Empreste seu brinquedo, que um dia você vai querer o brinquedo dele.* O efeito colateral dessa fala moral é arrasador. É isso o que os rabinos diziam. Se eu conseguir, por meio crítico, perceber quantas coisas eu, por compaixão, perdoo em mim mesmo, e conseguir, por via crítica, entender que o outro, que é um amante da sua vida, igual a mim, passo a julgá-lo por padrões diferentes dos que eu usaria se não tivesse essa concepção ética dentro

de mim.

Esse despertar para o outro vem do refinamento dessa relação crítica que você tem com a sua existência. É só aí que vai sobrar espaço para dar brinquedo fora do contexto mercantil. É só aí que você vai encontrar esse espaço que a gente chama de amoroso, para que você possa abrir mão do que é seu sem estar prisioneiro do conceito do que é seu. Um dos ensinamentos que aparecem no livro de Pirkei Avot, o livro da ética dos ancestrais na tradição judaica, aponta que existem quatro tipos de pessoa: – *Uma que diz: o que é meu é meu e o que é seu é seu.*

Existem pessoas que dizem:

– *O que é meu é meu e o que é seu é meu.*

Há pessoas que dizem:

– *O que é meu é seu e o que é seu é meu.*

Há pessoas que dizem:

– *O que é meu é seu e o que é seu é seu.*

Aqui temos quatro características. O epicentro dessa formulação é o ego — meu, seu. O que pode sobrar para você, que está olhando desde a perspectiva do eu? A caracterização de um perverso:

– *O que é meu é meu e o que é seu é meu.*

Todo mundo acompanha essa. A caracterização de uma pessoa confusa:

– *O que é meu é seu e o que é seu é meu.*

A gente pode conversar porque ela é confusa. Alguns achariam isso socialista. Talvez seja um dos problemas que a gente vai tentar olhar aqui, um socialismo que diz que “o que é meu é seu e o que é seu é meu”. A concepção do “que é meu é meu e o que é seu é seu” é categorizada pelos rabinos como a sociedade de Sodoma e Gomorra. Olhe só aonde eles foram. “O que é meu é meu e o que é seu é seu” — isso parece jurisprudência de qualquer país ocidental sobre patrimônio. Assim temos nossos direitos e deveres bem delimitados. Eles diziam: – *Essa é uma conduta absurdamente não ética e que promoveria os piores exemplos de sociedades não éticas no contexto bíblico.*

Não sei se vocês se lembram desse episódio bíblico em que Sodoma e Gomorra são equivalentes a um desastre de sustentabilidade. Tudo o que é insustentável vira sal. O sal — que às vezes era representado

como algo vital à vida — aqui é o sal que esteriliza a vida, que impossibilita a agricultura, o sal que a gente está vendo neste planeta totalmente violentado em que vivemos, fruto dessas sociedades totalmente de Sodoma e Gomorra, onde “o que é meu é meu e o que é seu é seu”, e assim vamos caminhando. Por último, “o que é meu é seu e o que é seu é seu” — é a proposta ética, segundo essa fala dos rabinos. Qualquer pessoa vai dizer:

– *Você está maluco? Como assim? É eu? Como me resguardar a mim? O que é meu é seu e o que é seu é seu? Como vou sobreviver?*

Eles não estão falando patrimonialmente, materialmente. Estão dizendo que a postura ética não é a mercantilista, a que diz que “o que é meu é meu e o que é seu é seu”. Na que diz que “o que é meu é seu e o que é seu é meu”, continua existindo por baixo de uma cortina a mesma relação de interligação, de vínculo com algum tipo de ganho, de custo e benefício.

Obviamente, na perversa, é só benefício. Então é o oposto da ética. Às vezes é a postura inclusive moral, uma moral que faz uso de técnicas. Como você produz com

“o que é meu é meu e o que é seu é meu”? Você vai ter que criar uma série de condições, pela força ou pela força moral, para apresentar interdições que permitam essa aberração, a violência que é essa proposição.

Como entender essa que diz que “o que é meu é seu e o que é seu é seu”? Para entender isso, é igual a amar ao próximo como a si mesmo. Como eu vou amar ao próximo como a mim mesmo? Eu nem conheço esse sujeito. Venho comigo há 60 e poucos anos. Conheço toda a história, todo o drama do Nilton Bonder. Tenho uma relação espetacular com esse Nilton Bonder. Eu o acompanho em todos os momentos, nas glórias e nas derrotas, no que de grande ele tem e no que de pequeno ele tem. Como vou ter empatia com outro como tenho com ele?

Uma proposta impossível— mas não se você pensar como está proposto aqui. Você não está chegando ao outro por esse caminho. Você está chegando por via crítica, um lugar de tal liberdade que “o que é meu é graça”. Isso é a graça versus a desgraça. “O que é meu é seu” — não é que estou abrindo mão, não é que não cuido de mim. Mas

tenho uma relação com a vida onde “o que é meu é seu”, e não tenho a menor expectativa do de que “o que é seu seja meu”.

Eu me sinto gratificado e agraciado a ponto de eticamente ver a vida assim. É um lugar onde a sua necessidade me atende mais do que a minha. Como se chega a esse lugar? Centrado na sua experiência crítica, não em uma fantasia, em uma narrativa moral de ser bom, de ser anjo, de ser santo, o que nenhum de nós é. Somos humanos. O único meio de chegar ao outro é por via crítica. Repito, a via crítica é a amorosa.

Então, isso era basicamente o que eu queria trazer para vocês. A gente pode tentar elaborar um pouquinho alguns desses caminhos.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

SOMOS SEMELHANTES AO CRIADOR PORQUE SOMOS CRIADORES

Muitíssimo obrigada, Nilton. Que beleza é ouvi-lo. Algumas vezes, temos falado aqui:

– *A gente tinha que continuar noite adentro para a conversa realmente prosperar.*

Mas na certa ela prosperará. O que você faz, de alguma maneira, é nos fazer retomar a proposta deste projeto. O título da conversa é “Moralidades, amoralidades, Imoralidades”. Você traz essa perspectiva de a ética entrar no pedaço da imoralidade. Em geral, a gente não trabalha com isso. A gente acha que a transgressão é má e que, portanto, não havia lugar aí. Eu acho muito bom. Cada vez que a gente faz aula, se reúne com alguém, eu brinco dizendo que ganhei o meu dia quando alguém diz:

– *Você sabe que eu nunca tinha pensado nisso?*

As suas provocações fazem a gente dizer isso, o que é muito bom, porque nos leva adiante nessa conversa que se quer exatamente crítica. A gente definiu a ética como essa atitude crítica, no sentido de ver de um jeito diferente do que se vê no senso comum, com mais clareza, com mais profundidade, com mais abrangência. Na certa, todo o mundo está curioso para trazer as suas falas. Mas eu queria só pegar algo importante, que é essa ideia de ponto de partida, de que somos semelhantes ao Criador porque somos criadores. A semelhança não

está nos olhos azuis ou nos cabelos crespos, mas nessa perspectiva de criação. Tenho trabalhado um pouco com essas ideias. Você falou em outras religiões que, de qualquer maneira, sempre trazem essa perspectiva de criação.

Quero trazer para entrar na nossa roda dois sujeitos da melhor qualidade. O primeiro é o Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo, amigo querido, que diz que nós, seres humanos, somos o artesão do oitavo dia. Ele pega o mito da criação em sete dias e diz que, depois que o Criador fez esse humano, ele passa a ser o criador, o artesão do oitavo dia. A partir daí, o mundo é à nossa moda. Por que trago o Brandão? Será que efetivamente a gente vai ao encontro dessa natureza de que você fala? Se somos criadores à semelhança, quem sabe iríamos pela via crítica, mas nem tanto.

O outro que quero trazer é o Ailton Krenak que, no seu livro “A vida não é útil”, conta uma historinha que eu já mandei para uma porção de gente, mas quero partilhar com vocês aqui. Ele diz assim:

– *Tem uma história antiga do povo krenak que diz que o Criador deixou uma humanidade aqui na terra e foi*

*para algum outro lugar do cosmo.
Um dia ele se lembrou de nós e disse:
– Deixei minhas criaturas lá na terra;
preciso ver em que elas se tornaram.
– Enquanto fazia esse movimento in-
crível de vir aqui nos ver, ele pensou:
– E se eles tiverem se tornado algo
pior do que eu posso conceber? O me-
lhor seria não ter um encontro pesso-
al com eles. Vou fazer o seguinte, vou
me transformar em outra criatura
para ver minhas criaturas.
– Ele se transformou em um ta-
manduá e saiu pela campina. Em
um certo momento, um grupo de
caçadores, munidos de bordunas e
laços, se encostou em uma passagem
e avançou sobre ele, o prenderam e
levaram para o acampamento com
a intenção óbvia de comê-lo. Duas
crianças gêmeas que observaram a
cena evitaram que ele fosse levado
para a fogueira. Ele então se revelou
para os meninos que, antes que os
adultos descobrissem, acobertaram a
sua fuga. Do alto de uma colina, os
meninos gritaram:
– Avô, o que você achou da gente,
das suas criaturas?
– Deus respondeu:
– Mais ou menos...
Só para ir ao encontro mais uma
vez dessa história. Teríamos que ter*

uma perspectiva de totalidade que a ética e a crítica nos trazem, mas temos estado mais frequentemente nesse espaço da moral, onde a gente é “mais ou menos”, segundo o Criador. Como você vê isso, Nilton?

NILTON BONDER

DEPENDEMOS DE MUITOS ERROS PARA SOFISTICAR COLETIVAMENTE NOSSA ÉTICA

Esse “mais ou menos” é inegável. Mesmo os otimistas não podem negar essa condição de “mais ou menos”. Se o Criador tivesse encontrado aqui uns anjinhos... acho que é a crítica que fala que é “mais ou menos”. É a nossa própria crítica que é capaz de enxergar esse “mais ou menos”. Muitos avanços foram feitos. Brigamos com uma condição constante. A crítica é um trabalho constante. Essa expectativa definitiva de sair da condição de “mais ou menos” talvez não seja nossa função. Nossa função produz, até pelas violências que a gente produz no mundo pelo egoísmo, acesso a esse lugar crítico, a essa perspectiva crítica. A gente, infelizmente, depende de muitos erros para sofis-

ticar coletivamente a nossa ética. Então, entendo que, com o aparato crítico, todos nós sejamos infelizes com as nossas conquistas. Mas acho que não dá para ser diferente com esse aparato crítico. Enquanto a gente estiver incomodado com a consciência do “mais ou menos”, há crítica. Preocupo-me com o dia em que a gente achar que está tudo bem e crie histórias de um Criador que visita e diz:

– *Vocês são o máximo!*

Tenho medo dessas histórias.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É verdade. Obrigada. Mas eu ocupei o tempo. Na certa haverá aqueles que querem trazer a sua observação, a sua pergunta.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

No chat não tem nenhuma pergunta até o momento. Se alguém tiver vontade de fazer uma pergunta direta, pode abrir o microfone nesse momento. Fique à vontade.

FERNANDO RIOS

TEM HAVIDO UM CONFLITO ENTRE AS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS OCIDENTAIS

Primeiro, muitíssimo obrigado. É um prazer muito grande tê-lo neste diálogo. É uma coisa muito bonita e muito boa. Eu queria trazer algumas dúvidas que tenho. Sou jornalista, mas tenho formação de antropólogo. Tenho visto e lido que, durante toda a história da espécie humana, há um imenso conflito. Os seres humanos se digladiaram sempre. E as religiões têm um maior protagonismo. Aqui, quero me referir a três religiões monoteístas, as três maiores, judaísmo, cristianismo e islamismo, que têm tido momentos muito terríveis na história da humanidade. Não conheço muitas informações sobre a violência cometida pelos judeus. Mas os cristãos e os muçulmanos tendem a tornar a proximidade com os outros povos muito violenta. Como você vê essa briga, essa confusão que essas religiões estão trazendo para a gente de vez em quando? O que elas têm em comum que pode ser bom, nos remetendo para um bom futuro?

NILTON BONDER

RELIGIÕES SÃO TERRENO BASTANTE INTERESSANTE PARA MANIPULAÇÕES

É uma boa pergunta. O material de que é feito as religiões se presta profundamente às manipulações. A religião fala diretamente a algo muito caro para a grande maioria das pessoas: esse encontro com a própria existência. Eu até apresentei esse fenômeno religioso como sendo uma tentativa de um encontro crítico, mas não científico. Acho que são duas direções diferentes. Enquanto a ciência tenta organizar o cenário externo da existência, ordená-lo, compreendê-lo, a religião buscava esse vínculo. Existia esse termo *religare*, existia uma conexão, apesar de ser um termo muito moderno para o judaísmo. Mas a palavra *daat*, que quer dizer “religião” em hebraico, é da raiz *deha*, que quer dizer conhecimento, autoconhecimento. Uma pessoa que tem autoconhecimento radical se faz espiritual, para não usar a palavra “religioso”. O que acontece? Esse artigo, esse item, que é tão caro às pessoas, tão próximo às pessoas, sempre foi utilizado,

manipulado. Se você tiver uma intenção perversa — “o que é meu é meu e o que é seu é seu” — e você fizer estratégias para avançar os seus projetos pelo mundo, é explorar qualquer manifestação que seja cara às pessoas.

A religião é presa e um dos objetos principais da moral, o que é uma perversidade. A moral precisa buscar a religião para transformá-la de uma condição ética em uma condição moral. A busca de utilizar as religiões é milenar. Estamos vendo agora uma manifestação moderna, que está acontecendo como aconteceu em todos os momentos da História. Imperadores foram buscar a religião. O momento mais clássico é Roma. Por que o imperador de Roma vai buscar uma religião? Não era uma crise espiritual, era um braço para buscar expansão, para criar narrativas que no fundo estabelecem propagandas. A moral muitas vezes assume a forma de propaganda. Por que os bandidos roubam tanto dos bancos? Porque é lá que está o dinheiro. O mesmo com a religião, é lá que estão as entranhas das pessoas. Ali é o epicentro crítico das pessoas. Você tem que anular esse epicentro crítico e

ético das pessoas para poder manipulá-las.

Então as religiões obviamente são terreno bastante interessante para essas prospecções. Só para complementar: os profetas eram os maiores denunciadores dessa manipulação e apropriação indébita. Lá atrás, no período bíblico, eram os reis de Israel que se valiam da potência desse espaço religioso, e eles denunciavam isso. Você tem profetas que atacam a hipocrisia religiosa claramente:

– Para que eu preciso desse sacrifício de animais, desses rituais todos? Disse para não matar, e vocês matam. Disse para não roubar, e vocês roubam. Se você quer Me agradar e fazer uma oferenda, no sentido de um presente amoroso que você faz a quem ama, então não roube e não mate. Não precisa despedaçar um bicho na minha frente.

Isso é a fala do profeta. Isso não é moderno. É a indignação do profeta de que o espaço ético da religião era o lugar mais facilmente usurpado como espaço moral. Eles ficavam chocados com isso.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É aí que se instala a desgraça.

NILTON BONDER

Total.

CRISTO, PERSONAGEM DE UM UNIVERSO PROFÉTICO.

Não existe história mais impressionante desse modelo do que a própria história do cristianismo. Cristo é um personagem desse universo profético. Não estou fazendo uma crítica extensiva à religião. No momento em que o império se aproxima da religião, há quase que uma inversão da proposta profética de Jesus, de que emanasse das pessoas uma dimensão ética através do amor. Era totalmente não moral. Não vou usar aqui, para não deixar ninguém incomodado, nem o imoral nem o amoral. Mas não era moral. Era totalmente oposto ao moral. Havia uma clareza de que o moral era a hipocrisia daqueles que atendiam a essas manipulações do poder, dos interesses do poder etc. Despido dessa moralidade que não se aproximava da prostituta ou do

leproso. É claramente uma investida contra a moral.

ANAXIMANDRO ORLEANS

CALLE DE PAULA

CONHECER OU ENCONTRAR DEUS É UMA QUESTÃO DE VONTADE?

Boa noite a todos. Nilton, muito obrigado pela oportunidade e também muito obrigado por vários desses momentos de que a professora Terezinha falou: “não tinha pensado nisso, não tinha pensado dessa forma”. Um deles foi quando você falou sobre crer ou não em Deus. Você complementou falando sobre conhecer ou encontrar Deus. Eu queria ouvir um pouco sobre o seguinte. Conhecer ou encontrar Deus é uma questão de vontade, ou isso pode acontecer independentemente de você querer?

NILTON BONDER

NÃO É UMA COISA SIMPLES PARA UM SER HUMANO ENCONTRAR DEUS

A vontade pode inclusive inviabilizar esse encontro. Entendo a pergunta que você está fazendo. É uma

boa pergunta. A gente não encontra Deus. Não é uma coisa simples para um ser humano encontrar Deus.

Para todos nós fica sempre essa pergunta. Também não é um encontro definitivo. Quando você encontra, não é uma coisa que se torna uma via disponível para você. Os místicos da tradição judaica diziam que você só vai encontrar Deus se você tiver o que eles chamavam de mente ampliada. Uma mente pequena, uma mente reptiliana, interesseira, preocupada com suas carências, provavelmente não vai esbarrar em Deus, porque vai passar o tempo todo por territórios não éticos. Se você habita nesse habitat, esbarrar em Deus é difícil. É provável que nem haja Deus nesse habitat.

Uma complementação. Você usou a palavra vontade. Por que falei que a vontade pode ser um empecilho? Porque a vontade é um elemento importante na vida da gente, tem muitos usos. Mas um uso frequente da vontade é o auto engrandecimento. Para você ter uma mente ampliada, você precisa diminuir esse auto engrandecimento. Uma conexão com seu verdadeiro tamanho é fundamental para você encontrar os portais desse lugar

ético. Quando estamos com muita vontade, a gente às vezes expressa a sensação de que somos especiais, de que o desejo da gente tem que ser contemplado:

– *Me veja, Deus; por que você não está aparecendo?*

Todo esse processo de auto engrandecimento produz uma mente reduzida, não ajuda no processo de uma mente ampliada. Então você se afasta mais dessa possibilidade do que se aproxima dela.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O que eu fico pensando é que você disse que os mandamentos não são mandamentos. Uma coisa importante para pensar. Mas os textos que a gente encontra não têm sempre esse tom da autoridade que expressa aquilo que é típico da autoridade, os deveres, as regras etc.? Por que será que sempre há um tom de fazer isto, não fazer aquilo etc.? Estudei em uma escola religiosa, confessional, quando pequena. A gente tinha um campeonato de catecismo. A gente sabia todas as respostas:

– *O Pai é Deus? Sim, o Pai é Deus. O filho é Deus? Sim, o Filho é Deus. O*

Espírito Santo é Deus? Sim, o Espírito Santo é Deus. Então são três deuses? Não, são três pessoas distintas, mas um só Deus verdadeiro.

Eu era campeã de catecismo.

Quando a professora saía da sala e deixava 50 alunos sozinhos, ela escrevia no quadro: “Deus nos vê”.

A gente já sabia, como a gente sabia todas as regras. Acho que sempre tem esse tom, de que a gente deveria escapar se efetivamente quisesse trazer para a religião aquela perspectiva ética.

NILTON BONDER

AUTORIDADE, REVERÊNCIA E RESPEITO SÃO DOSAGENS.

Sim. É o mesmo dilema dos pais ensinando seus filhos. Em que medida você imprime autoridade? Como você faz essa dosagem? Agora estou tratando o texto bíblico como um texto formativo de um grupo de pessoas infantilizadas na sua ética e na sua religiosidade. Esse texto tem que fazer duas coisas. Tem que apresentar essa dimensão ética e ensiná-la ou estimulá-la. Ao mesmo tempo, nesse ensinar, ele não pode ser frouxo. É

como qualquer ensinamento. Você pega a águia que está ensinando o seu filhote a voar. Em algum momento, aos olhos de um terceiro, é uma crueldade. Se você deixar esse lugar muito compassivo — “não faça isso, olhe como o filhote de águia está assustado, está tremendo, não está conseguindo” —, você não tem visibilidade, você está vendo um bem menor e não alcança a dimensão da maternidade ou paternidade por esse elemento da disciplina e de autoridade, que são fundamentais.

Autoridade, reverência, respeito... são dosagens. Se você errar nessa dosagem, vai ficar totalmente descharacterizado o aspecto pedagógico e amoroso do ensino. O texto bíblico busca promover uma reverência. Para a tradição judaica, isso tem uma formatação muito clara. Os judeus chamam isso de mitzvot, que literalmente quer dizer “mandamentos”, “comandos”.

É como uma criança. Uma criança não quer ir para o colégio. Você vai dizer para a criança que ela vai para o colégio obrigada. Como você faz isso? Você pode tentar anular o sentimento dela de não querer ir para o colégio. Você não pode deixar de

atuar na sua condição de mentor e permiti-la não ir ao colégio, ou será, salvo alguma situação especial, um desastre. Você terá que ensiná-la eticamente, criticamente:

– *Entendo a sua situação, acolho o seu sentimento de não querer ir para o colégio.*

Também não vou tratar de convencê-la. O convencimento não consegue dar conta de uma emoção, de um sentimento. O sentimento da pessoa é mais real que qualquer tentativa de a convencer. O que você vai tentar é ativar nele outro sentimento, porque se você deixar a criança em casa, essa criança vai ficar mal. Se ela gostava de ficar em casa como criança, se ela está crescendo e tem uma dimensão ética se desenvolvendo, ela não vai ficar bem em casa. Vai criar uma ética em que ela passa por cima do desejo dela em nome de alguma coisa que conseguiu processar como sendo mais importante. Isso é um ser humano. Aí está a característica ética do ser humano.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A ATITUDE ÉTICA É COMO UM FAROL, SERVE PARA ILUMINAR, NÃO PARA INDICAR.

Com isso, você já está anunciando cenas dos próximos capítulos, porque a gente encerrará com uma discussão sobre ética e educação. Passa pelo que você está trazendo para a gente. Neidson Rodrigues, um educador mineiro que nos deixou há algum tempo, faz uma comparação muito bonita que vai ao encontro de algo que você nos trouxe também em um determinado momento. Ele disse que a atitude crítica, a atitude ética, é como um farol, um farol de mar, que é para iluminar, não para necessariamente indicar por que caminho você deve ir, mas para clarear os caminhos, de tal maneira que você possa seguir com uma certa segurança por eles. A moral é sinal de trânsito: pare, espere, siga etc. Na ética é diferente. Acho que essa iluminação efetivamente pode nos ajudar nesse caminho.

NILTON BONDER

Não é nem um clareamento de caminhos, é um clareamento interno para que você possa processar tudo isso. De quem é essa afirmação?

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

De Neidson Rodrigues, que foi um professor da Universidade Federal de Minas Gerais, da Faculdade de Educação, que teve um trabalho muito bonito e nos deixou coisas muito importantes. Está no livro dele “Lições do príncipe e outras lições”.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Temos uma pergunta do Anaximandro:

– Onde podemos ler mais sobre os quatro tipos de pessoas? Tem alguma referência para essa leitura?

NILTON BONDER

Existem comentários rabínicos, mas não são textos disponíveis com facilidade em português e demandam algum conhecimento para fazer uma leitura coerente.

Tenho um livro onde trabalho essa questão, um livro sobre consumo chamado “Ter ou não ter, eis a questão”, onde aparece essa questão da propriedade. Ali estão um pouco esmiuçadas essas ideias. Mas é uma vertente mais crítica ao consumo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Acho que nosso tempo vai se esgotando. Deseja trazer alguma observação? Marcelo vai nos contar quantas vezes viu a peça “Alma imoral”?

MARCELO MADARASZ

Sessenta e três vezes. Não é modo de dizer. Foram 63 vezes anotadas, marcadas. Eu assistiria mais 63 vezes, se tivesse oportunidade.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

– ENQUANTO O MESSIAS
NÃO VEM, POR QUE A GENTE
NÃO PODE CONVIVER?

A peça é uma beleza! É muito bonita. Em um determinado momento, ela lembra a passagem do mar

Vermelho se abrindo. Ela fala:

– *Eles não avançaram porque o mar se abriu, mas o mar se abriu porque eles avançaram.*

Acho que essa história dos hebreus é muito bonita para mostrar essa atividade, essa coisa dinâmica.

Muitas vezes se fala da religião como algo que tem uma perspectiva de passividade. Acho que essa ligação à vida que você traz ajuda a gente a ter a ideia de muitas vidas, nas múltiplas religiões, nos diálogos entre elas. Gosto de uma coisa muito bonita trazida pelo Amos Oz, no livro em que ele explora a questão do fascismo. Ao falar da necessidade de um diálogo entre as religiões, entre as diversas concepções e crenças, ele diz assim:

– *Eu gosto de seguir o que dizia a minha avó. Quando éramos pequenos, ela falava:*

– *Sabe qual a diferença entre os cristãos e nós, judeus? É que eles acham que o Messias já veio, foi embora e voltará um dia; e nós, judeus, achamos que ele ainda não veio e estamos à espera. Acho que a gente tem que esperá-lo vir. Se ele chegar e disser – “que bom é vê-los de novo” – são os cristãos que têm razão. Ele já esteve por aqui. Se ele disser – “que*

bom é conhecê-los” - são os judeus que têm razão.

O mais bonito é o que ela dizia:
– *Enquanto ele não vem, por que a gente não pode conviver?*

É essa a intenção que a gente tem aqui nessas conversas, ir convivendo, ir descobrindo coisas, pensando no que não tinha pensado, para ampliar mesmo esse espectro do nosso conhecimento e da nossa vida. Obrigadíssima.

NILTON BONDER

Sabe Terezinha, é interessante. Esse conflito que se revelou milenar, se o Messias veio ou não, se é a primeira ou a segunda, na verdade não existe na tradição judaica. Nunca foi um elemento dentro da tradição judaica. Nasceu de uma construção histórica, mas nunca foi verdadeiramente uma questão interna do judaísmo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Acho que Amos Oz estava se divertindo para nos contar isso.

NILTON BONDER

Amos estava contando algo que a civilização contempla, então é real. Mas é muito interessante porque não é um conflito. Só para chamar atenção: muitos dos conflitos das religiões, os infiéis para uma, os infiéis para outra, não são produtos inerentes das religiões. Provavelmente vêm dessas utilizações, não nascem desse lugar do qual estamos falando esta noite.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada pelo esclarecimento, pela sua presença tão boa entre nós. Tomara que haja outras oportunidades de nos encontrarmos.

NILTON BONDER

Se Deus quiser. Saúde a todos.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada a você e a todos que estiveram com a gente. Uma noite muito boa para todos. Até mais.